

O TESTEMUNHO EM DOIS TEMPOS

Ricelli Palmeira Gonçalves dos Santos (095958@gmail.com)
INSTITUTO DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM- PIBIC/CNPq
Palavras-Chave: Literatura – testemunho - tempo

INTRODUÇÃO

“O testemunho se alimenta da necessidade de narrar e dos limites dessa narração (subjetivos e objetivos, em uma palavra: éticos).” (Seligmann 2003) Sem contar que o testemunhar envolve limites psicológicos tanto da recepção como da transcrição dos fatos. A força que estes limites exercem sobre cada pessoa determina a demora em publicar suas memórias e, conseqüentemente, a maneira como a distância temporal dos acontecimentos se materializa no testemunho dos sobreviventes.



Fig. 1 Retrato de Ruth Klüger

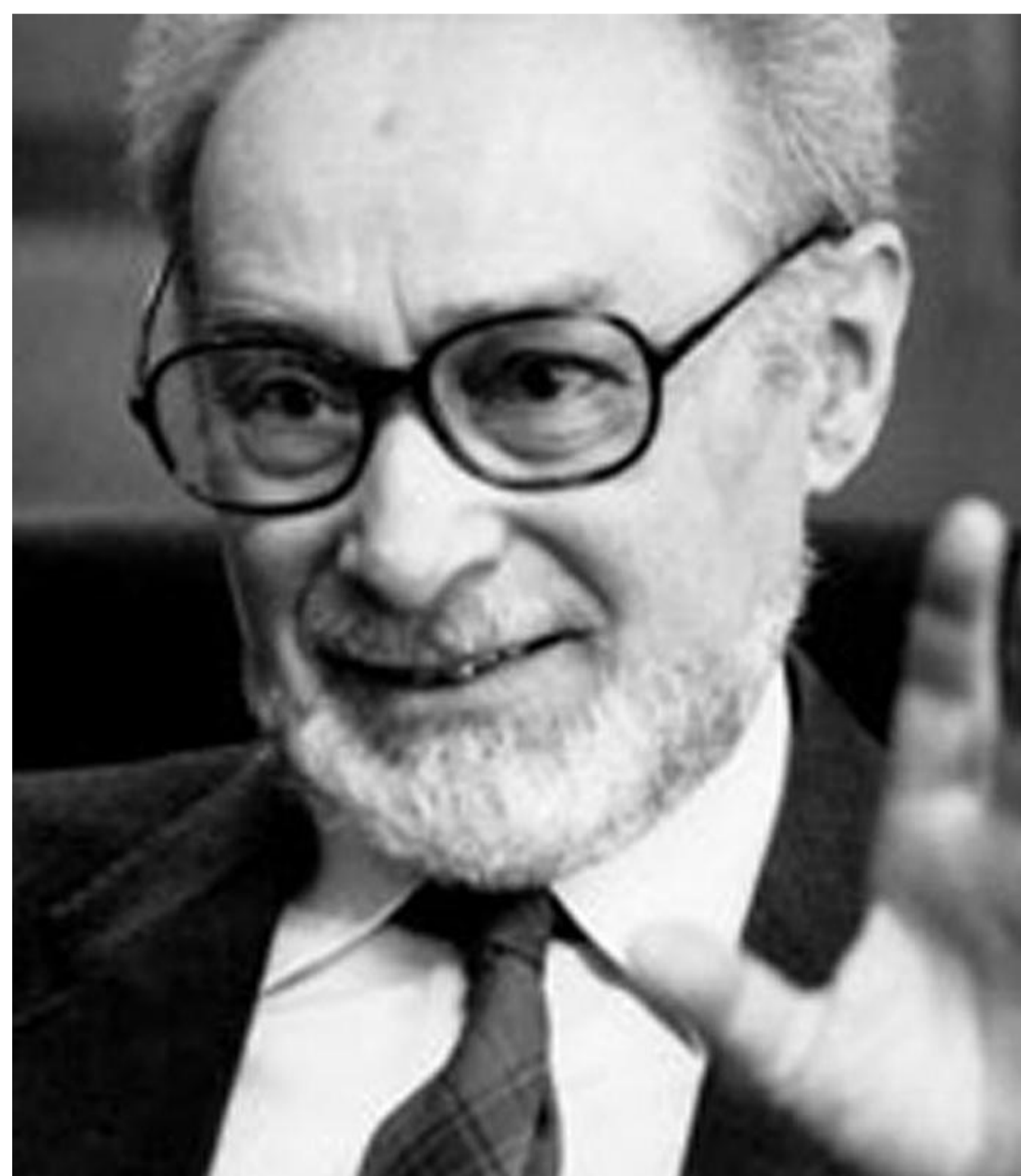


Fig.2 Retrato de Primo Levi

MÉTODO

Foi realizada leitura detalhada e a análise das obras literárias já determinadas, a saber *É isto um homem*, de Primo Levi, e *Paisagens da memória*, de Ruth Klüger. Paralelamente, além de obras teóricas que envolvem a temática da Shoah e da memória como instrumento histórico e filosófico, entre elas: *Shoah e Holocausto*, de Leila Danziger; *Memória e imaginário*, de José Luis de Diego; *Walter Benjamin: o Estado de Exceção entre o político e o estético*, de Márcio Seligmann; *História, Memória, Literatura*. O testemunho na era das catástrofes, organizado por Márcio Seligmann; entre outros.

Além disso, em 2011 tive a oportunidade de cursar algumas disciplinas relacionadas à pesquisa na UNLP, La Plata: “História, memória e imaginários: estudos e representações da história recente argentina e do Cone Sul” e “História e memória”, uma disciplina da Filosofia.

REFERÊNCIAS

SELIGMANN-SILVA, M. O esplendor das coisas: O diário como memória do presente na Moscou de Walter Benjamin, in: *Escritos*, Revista do Centro de pesquisa da Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, Ano 3, n. 3, 2009. Pp. 161-185. *Escritos* (Fundação Casa de Rui Barbosa), v. 3, 2010.

KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória*. Autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto. Tradução de Irene Aron. São Paulo: Editora 34, 2005

LEVI, Primo. *Si esto es un hombre*. Traducción de Pilar Gómez Bedate. Muchnik Editores, 1987



Fig. 3 Portão de Buchenwald com a expressão *Jedem das Seine*, “Para cada um o seu” ou “Para cada um o que merece”.



Fig. 4 Imagem feita em Weimar, Alemanha, quando o campo foi capturado por tropas norte-americanas em 1945.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não existe um tempo correto para que se decida falar de situações traumáticas como a Shoah. Ou melhor, não há tempo capaz de cicatrizar as feridas deixadas pelo nazismo na humanidade: “Se pode fugir de um lugar, mas do tempo não se pode escapar, ele precisa se desvanecer por si mesmo” (KLÜGER, 2005: 149).

No texto *O esplendor das coisas: o diário como memória do presente na Moscou de Walter Benjamin*, Seligmann discorre acerca da dificuldade de separar a ficção da autoescritura, mostrando o diário como sendo uma “aporia”. Segundo ele, a escrita de si invoca concomitantemente pretérito e presente. Além disso, citando Schlegel, Seligmann reconhece o ser humano como um composto de fragmentos e a autoescritura como uma tentativa de esboçar os contornos do sem forma que é o indivíduo moderno: “suportar o desencontro entre a imaginação e o fato. Não inventar um outro sistema imaginário adaptado ao fato”. (KLÜGER, 2005: 9)

CONCLUSÕES

O testemunho é sim libertação, mas uma libertação parcial. Como afirmou Márcio Seligmann, Primo Levi tocou a ferida deixada pelo Holocausto de maneira profunda, mas não foi capaz de destruí-la, o que talvez esteja na origem de seu suicídio.

Entretanto, Ruth Klüger nos mostra que nos é necessário falar, ler, escutar, buscar entender a memória da Shoah. Trata-se de testemunhar por si, por aqueles que não estão mais e pelos que estão. E, talvez, mais importante que tudo isso, testemunhar como tentativa de que, ao rememorar situações tão trágicas, estejamos atentos para que não se repita. Afinal de contas, como diz Primo Levi, por acaso nós não experimentamos negação? (LEVI, 2006: 39)